



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

MIMI, NÉCAS E LÚLU TEEM UM CÃOZITO

Por LEONOR DE CAMPOS

Deram á Mimi um cãozinho. Muito novo ainda, brincalhão, olhar vivo e inteligente, conquistou logo as simpatias de toda a família.

A Mimi, o Nécas e o Lúlu trataram logo de ensinar o cão a fazer habilidades. De maneira que, ao fim de 15 dias de casa, o bicho saltava o arco, equilibrava-se de pé sobre as patas trazeiras, procurava um objecto escondido e outras coisas mais. Mas o seu forte era apanhar na boca qualquer ôsso que lhe atirassem, ainda que fôsse de bem longe.

Porisso, e atendendo ás excepcionais qualidades do cãozito, foi resolvido de comum acôrdo que êle se chamasse: — «Palhaço».

O Palhaço sentia-se felicissimo naquela casa. Tinha boa comida, uma rica almofada, fofinha

e quente, para dormir e três meninos com quem brincar.

Mas...nem tudo na vida são rosas. No meio da felicidade do Palhaço havia uma sombra escura... escura como um prêto da Guiné. Era o ódio do Farrusco.

O bichano, apenas via o cãozito, desatava a resmungar numa linguagem para nós incompreensível, mas que o Palhaço parecera entender ás mil maravilhas. E como o cão se puzesse a gritar: — Béu! Béu! Béu! Béu!...

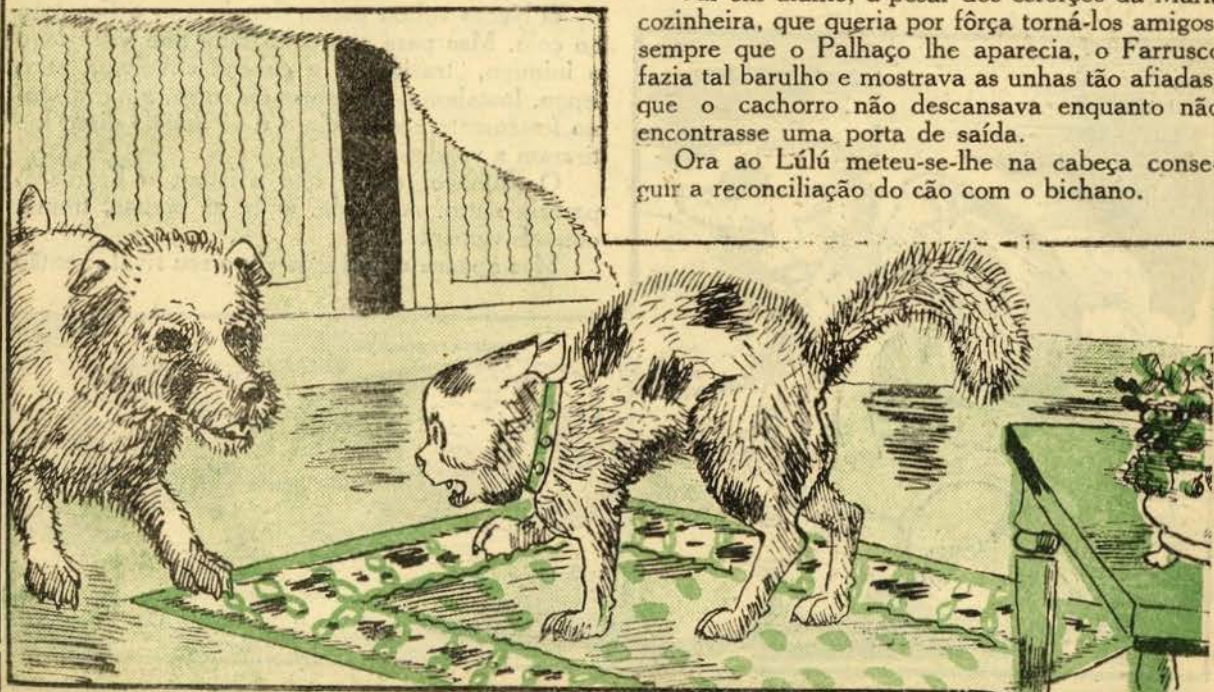
logo o Farrusco fez:

— Miáu... pff!...

e se atirou, como um desesperado, ao fôcinho do Palhaço.

Daí em diante, a-pesar dos esforços da Maria cozinheira, que queria por força torná-los amigos, sempre que o Palhaço lhe aparecia, o Farrusco fazia tal barulho e mostrava as unhas tão afiadas, que o cachorro não descansava enquanto não encontrasse uma porta de saída.

Ora ao Lúlu meteu-se-lhe na cabeça conseguir a reconciliação do cão com o bichano.



Pensou um pouco e, depois de conferências com os irmãos, ficou o caso resolvido.

A ideia do Lúlú, como sempre, era excelente.

— «Vocês sabem — discursou êle — porque é que o Farrusco tem raiva ao Palhaço?»

— «Naturalmente — respondeu Mimi — é porque o Palhaço sabe saltar o arco e êle não. Aquilo é inveja!...»

E o Necas disse, por sua vez:

— «Nada disso!... O Farrusco tem inveja mas é dos bons bocaditos de carne que vão agarrados aos ossos que a gente dá ao Palhaço!...»

— «Ora, ora, ora!... — riu Lúlú, com ares superiores.

— Vocês são tapadinhos de todo!... Então vocês não se lembram do que o Farrusco fez no dia em que chegou o Palhaço? Nessa altura ainda ninguém tinha dado ossos ao cachorro nem êle sabia saltar o arco!...»

— «E' verdade!...» — concordaram os dois irmãos, envergonhados com a esperteza do Lúlú.

— «Pois bem!... — rematou êste — Eu cá, depois de muito pensar, descobri tudo. O Farrusco tem medo de que o Palhaço lhe roube o bom lugarzinho que tem nos corações de toda a família. Perceberam?»

A Mimi e o Necas não tinham percebido nada.

Mas, com receio do mau gênio do irmão, responderam:

— «Percebemos!...»

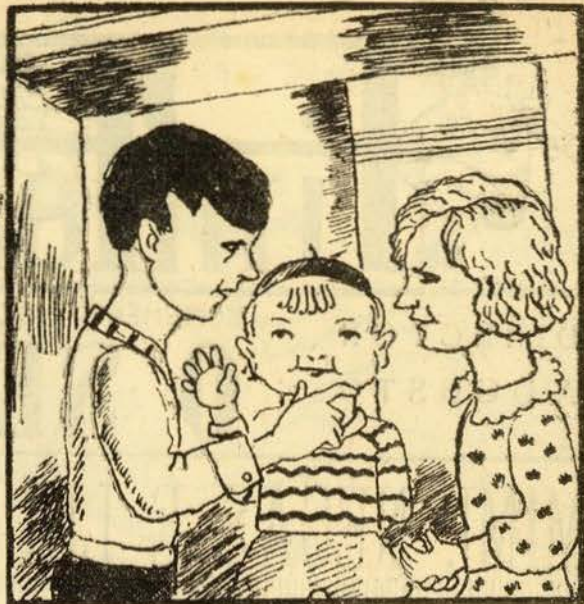
— «Bom!... E eu penso que o Farrusco não tem razão. Nós, embora gostemos muito do Palhaço, não deixaremos nunca de gostar do bichano. Não é assim?»

— «Tá claro!...»

Lúlú continuou:

— «E para provarmos ao Farrusco que o achamos digno de toda a consideração, lembrei-me do seguinte:

Vamos atrelar o Palhaço ao carrinho das



bonecas da Mimi. E dentro do carro instalaremos o Farrusco, bem amarrado para não cair.»

— «Sim! Sim!» — gritaram, entusiasmados, a Mimi, e o Necas.

Daí a pouco estava o carro pronto a partir. O Palhaço todo contente com a brincadeira, fitava as orelhas e abanava a cáuda. Os pequenos tinham-lhe amarrado ao lombo e ao pescoço a corda de saltar, cujas maçanetas iam prender-se ao carrinho de verga das bonecas.

De vez em quando o Palhaço dava uma corridinha e parecia achar imensa graça a tudo aquilo. Mal imaginava êle a sorte que o esperava!...

— «Pronto!... O cavalinho já está treinado!... Agora vai buscar o passageiro e um cinto dos teus!...» — ordenou o Lúlú ao Necas.

O Necas voltou pouco depois com o Farrusco ao colo. Mas para que o bichano não visse logo o inimigo, trazia-lhe a cabeça envolvida num lenço. Instalaram-no dentro do carro, amarraram-no fortemente com o cinto e só depois disso lhe tiraram a venda.

O Palhaço, desde que avistara o Farrusco, parecia outro. A cáuda, entre as pernas, tremia convulsivamente.

Mas apenas o Farrusco viu o seu rival... então



UMA MENTIRA FÁCIL DE DESCOBRIR

POR ANIBAL NAZARÉ



E a senhora professora, para dar uma lição ao Chiquinho, que acabava de cometer a má acção de dizer uma mentira, falou assim:

— «E' sempre feio, muito feio mesmo, mentir, quer a mentira seja duma criança, quer seja de uma pessoa adulta. Devemos sempre usar da maior sinceridade, pois, confessando as nossas culpas, é sempre mais fácil obtermos o desejado perdão.

Mas, é claro, quando o mentiroso é, como o Chico, uma criança, é sempre mais fácil de apanhar a mentira...

é que foram elas!... Pôs-se a gritar tão desalmadamente os costumados:

«...miau... pff!... miau... pff!...»

qu> o pobre Palhaço desatou a fugir, ganindo...ganindo... Como estava prêso ao carro, êste corria também. O Farrusco não desarmava:

«Miau... pff!... Miau...pff!...»

E o Palhaço, sempre a correr, respondia:

«Béu! Béu!... Caín... Caín!...»

* * *

E quando, daí a algum tempo apareceram a Mãe, a Miss, as criadas e o Narciso, o carrinho estava despedaçado... E a

Mimi chorava,
o Palhaço gania,
o Farrusco assoprava,
o Necas gritava,
e o Lúlú ria.

E, para exemplo de que as mentiras dos meninos são sempre descobertas, vou contar-lhes um facto verdadeiro, passado, há já alguns anos, perto de minha casa.»

Tôda a classe prestou ainda uma maior atenção. O Chiquinho, a-pesar-de estar envergonhado pelo seu feio acto, e de olhos no chão, ajeitou-se melhor na carteira. E a senhora professora, continuou:

— «Perto da minha casa, morava um casal com um filho, pequeno de sete anos, que, todos os dias levava o almoço ao pai, trabalhador duma obra, pouco distante. Ao regressar a casa, o pequeno almoçava com a mãe, que o esperava. Ora certo dia, o pequeno, pelo caminho, teve a curiosidade de espreitar o que ia dentro do cabaz e descortinou, numa pequena panela, cheia de caldo, alguns bocados de carne.

Agradou-lhe o almoço, —sobretudo a carne— e sem se lembrar que aquêlê almoço pertencia ao pai, que estava, coitadinho, a trabalhar, e que o seu, o aguardava em casa, foi comendo, pelo caminho, os bocadinhos de carne. E, quando chegou ao pé do pai, dentro da pequena panela, não ia mais que o caldo!

O pequeno então quis mentir. E, entre lágrimas, contou ao pai:

— Imagine, pai, o que me aconteceu: — Vinha a correr, tropecei numas pedras, caí-me a lata no chão, e entornou-se tudo! Nem o pai calcula o trabalho que eu tive para aproveitar êste caldo!

E' claro que o pai do pequeno, percebeu logo que êle não poderia aproveitar o caldo, depois dêle cair no chão! Quando muito, aproveitaria a carne...»

Tôda a classe riu, alegremente, com a história da mestra. Só o Chico, envergonhado da sua mentira, continuava de olhos pregados no chão...

F I L M

Lúlú, cuja intenção fôra excelente, visto pretender apenas reconciliar os dois bicharocos inimigos, não apanhou castigo.

No fim de contas quem mais sofreu foi a Mimi que ficou sem o seu lindo carrinho das bonecas.

A D I V I N H A

Substituir os pontos por letras, formando, assim, nomes de cidades portuguesas.

.	.	.	A
.	.	.	L
.	.	.	F
.	.	.	R
.	.	.	E
.	.	.	D
.	.	.	O
.	.	.	T
.	.	.	R
.	.	.	I
.	.	.	N
.	.	.	D
.	.	.	A
.	.	.	D
.	.	.	E

O MENINO ALDRABÃO

POR MARIA de ALEM-MAR

— Não sabiam já os pais deste menino que castigos inventar para lhe tirarem o feio defeito da mentira. Supondo que fôsse uma doença grave, recorreram os pobres Pais a todos os médicos e foram todos unânimes em afirmar não haver remédio para tal doença: Pode ser que com o tempo...

Os Pais choravam coitados, e o aldrabão lá ia fazendo girar a sua língua na roda viva da mentira. Um dia conseguiu com as suas intrugices, enganar os ciganos, fazendo-lhes a venda fantástica do Mundo com todos os seus astros. Que desafô!

Os ciganos antegozando a riqueza do mundo, dividiram, entre si, os mares, as terras, os rios, e, espalhando-se por todos os países, buscam ainda, pelo globo terrestre, a cobiçada riqueza...

O menino aldrabão foi crescendo,



mas ficavam sempre impunes as suas mentiras. Até que, um dia, a pobre mãe soube que fôra posta secretamente em acção a policia para lhe prender o filho. Ela, coitada, fugindo com êle, conseguiu salvá-lo. Ouviu depois dizer que no monte «Alto» vivia, numa furna, uma bruxa cuja fama era grande pelas curas milagrosas que fazia.

Lá foi, também, a mãe contar-lhe os seus desgostos e pedir á adivinha um remédio.

— O mal do teu filho não tem remédio. — O bérço o deus, a tumba o leva; porém há um lenitivo; se fôres capaz dum sacrificio muito grande e de muitos anos. Eu digo:

— Irás a pé á Italia. Do rio Pó trará do pó que lhe deu o nome, e uma gôta de água. Ao atravessares a Ponte dos Suspiros, ouvirás continuos ais. Traz o que mais te impressionar; depois irás á Arábia. Do monte Sinal traze um bocado de terra; do monte Deta em Thessália (antiga Grécia) traze outro bocado de terra. Segue para Jerusalém. Do rio Jordão tomarás uma gôta de água; Virás pelo mar Vermelho e já em Portugal, na serra da Gardunha, em pleno verão, vê se consegues gelo que o sol não tenha ainda derretido; do rio Tejo outra gôta de água, e de todas as terras um bocado de pó; de todos os lares as dores que aí existam, de todos os corações das mãis portuguesas, um bocadinho do seu amor e de todos os cemitérios, á meia noite, a flôr mais triste que lá desabrochar. Só depois seguirás para a tua casa e, sem descansares, amassa tudo muito bem amassado, (que ninguém te veja) até a massa ficar reduzida ao tamanho de uma avelã. Quando estiver dormindo o teu filho, então já de idade madura, dá-lhe a beber um chá feito das flôres tristes, para que êle fique dormindo durante um mês.

massa endurecerá passado tempo, ao nascer da lua nova.

Faze o chá necessário para que o teu filho fique completamente adormecido. Serás capaz de semelhante sacrificio?

— Tudo farei — diz a mãe — não há sacrificio para o amor materno. Quero conseguil-o para sentir, depois, a doce sensação de felicidade, vendo o meu filho livre do pior mal do mundo.

Vai a mãe cumprir a sua missão e fica o filho urdindo, aqui e acolá, as suas arditosas mentiras.

São passados anos. Uma velhinha ainda vigorosa, sobraça um cêsto pesadissimo e pára junto á porta dos cemitérios, mal bate a meia noite. Essa velhinha, feito o ultimo dos seus encargos, volta á bruxa do monte «Alto», para lhe dar conta do sacrificio a que a impuzera o seu amor de mãe: Ao passar pela Ponte dos Suspiros, e já depois de ter colhido o suspiro mais impressionante, um outro senti mais triste ainda; — disse a velhinha.

Pois bem, (retorquiu a bruxa) o tempo conseguiu curar o teu filho. Bem tarde foi, porque bem tarde também êle se compenetro de quantos desgostos semeava em todos os lares em que entrava. Todos o abandonavam, porque todos temiam as suas embrulhadas. A maldição de muitos inocentes suspendia-se sobre a sua cabeça. Introduziste-lhe uma massa na maxila inferior; esta massa, endurecendo, formou o dente de sizo que lhe não nascera quando devia e que lhe causava uma inconsciência, a qual produzia o seu terrível defeito. Aquêlê suspiro tão triste que ouviste em Itália, na Ponte dos Suspiros, foi o de um aldrabão célebre na história. Anunciava, assim, que os remorsos acompanharão, o teu filho, até o fim da vida.

Vai á todos os lares contar a todas as mãis, a tua história, para que elas tirem, a seus filhos mentirosos, o terrível defeito da mentira.



Divide a massa em dois bocados e introduz-a na boca do teu filho, de cada lado da maxila inferior. Essa

A MENINA GRALHA

Por ANAO SABICHAO

Sou, — como vocês sabem, — um grande coscuvilheiro.

Por isso, tenho descoberto tanto e tanto defeitosinho a vários meninos do meu conhecimento.

Mas ainda não tinha reparado que a Mariasinha era uma faladora, de alto lá com ela!

O defeito de muito falar e pouco acertar, está bem de vêr, que não é um caso grave, mas torna-se aborrecido, embirrento!

Já ninguém podia tolerar a tagarela!

Mal ela abria a bôca, desatava a deitar cá para fóra, uma enfiada de palavras, que nunca mais tinham fim!

Ao ouvi-la, o canário já não piava, o gato não miava, o cão não ladrava, o pôrco não grunhia, nem o galo cantava, nem as galinhas cacarejavam!...

E o resto da família?...

Tudo ficava mudo, pois não tinha deixa, para meter a sua colherada, tanto a Mariasinha dava á lingua, sem haver uma pausa!

O caso é que a tagarela até andava definhada, magra sêca, e tudo isto, naturalmente, por causa da muita saliva que gastava a mais!...

Eu presenciava êstes contratempos tôdos e comecei a puxar pelos miolos, isto é um modo de dizer, porque os miolos nunca se puxam; assim, mesmo onde estão, têm, ás vêzes, cada idéa!...

Era preciso pôr côbro aquêle falatório prejudicial.

Já a mãe da Mariasinha tinha um grande desgosto, por tôda a gente chamar á filha: — a menina gralha, que é o pássaro mais falador do mundo e, muitas vezes, farta de a ouvir, a mandara para a cama, sem sobremêsa, ou a deixava sôzinha, fechada no quarto, para ela não ter com quem comunicar! Mas nada disso dera resultado!

Tratei, pois, de manobrar, pondo em prática as minhas manhas, mais manhosas!

Certa manhãzinha, acordara ela, respirando alegria e bem estar.



Foi logo direita ao jardim e encontrou o jardineiro na sua faina.

— Bom dia, Joaquim! — disse a Mariasinha, contentissima por poder despejar o saco das asneiras!

— Devias ter semeado estas flores antes em Agôsto, e esta não fica bem neste vaso, e aquela haste não precisa ser cortada, e esta terra está sêca, e mais isto, e mais aquilo!...

Já o pobre homem coçava a cabeça atrapalhado, com mêdo de lhe responder tôrto, quando, a meio duma frase, a Mariasinha estacou, muito engasgada, cuspinhando, aflita.

— Uma môsca que me entrou pela bôca! Ai, que porcaria!...

E, calada, seguiu o seu caminho, deixando o jardineiro em paz.

Mas uma voz, que lhe pareceu vir do arvorêdo e que era a minha, murmurou, de forma que ela ouvisse:

Ditado bem conhecido e por tôdos repetido:

— Duma bôca faladeira,
ou entra môsca,
ou sai asneira! —

A Mariasinha, pálida de mêdo, apressou o passo, indo ter com a criada que cortava flores num canteiro, para enfeitar a mêsa.

Já senhora de si, começou no falatório costumado.

— Não escolhas essas rosas, estão murchas,



O CESTINHO DA COSTURA

POR ABELHA MESTRA

Querida Judith

Esse «napperon» dos morangos, pode muito bem servir para o presente que queres fazer. Depois de bordado, dará um lindo efeito. Mas pensa bem que só poderás oferecer um trabalho feito com perfeição!

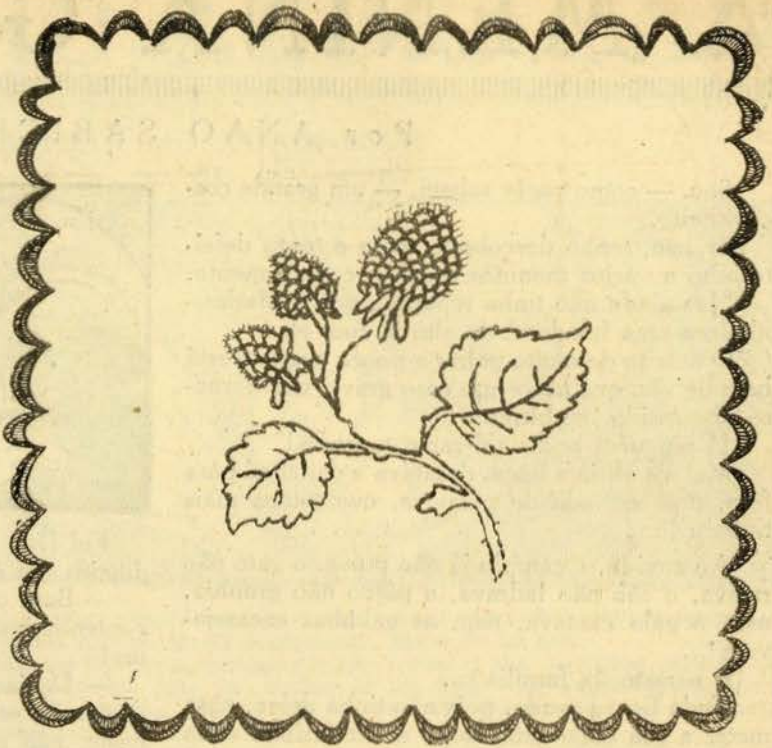
Portanto toma cuidado!

Fazes o recorte como já anteriormente ensinei e empregando algodão «perlé» verde. Com algodão «perlé» verde matisado; bordas as folhas e para os morangosinhos, está claro que escolherás algodão cor de morango!

Percebes o que te digo?

Então segue bem os conselhos que te dá a tua amiga

Abelha Mestra.



os malmequeres são feios, leva as dalias; a tia gosta mais dessas flores, o pai antes quere goivos, o mano antes quere cravos... —

—Ai, menina que já não sei onde tenho a cabeça!... — Gemeu a criada, sem saber de que terra era e tratando de se afastar.

— Também tu és... — Não acabou o que ía dizer.

Desatou a tossir, a tossir, e só depois de muito tempo conseguiu gaguejar:

— E' a segunda môsca que me entra hoje pela bôca! Que nôjo! —

De entre a romaria, a minha voz, tornou:

Ditado bem conhecido
e por tôdos repetido:
— Duma bôca faladeira,
ou entra môsca,
ou sai asneira! —

Com as pernas a tremer, a Mariazinha, muito enfiada, encaminhou-se para casa.

Era sítio mais seguro!...

No jardim não estava bem!

Havia ali vozes a mais! —

Môscas e mais!...

A mãe notou, pasmada, que a pequena não dissera uma palavra até ao almoço.

Mas ao vêr o guisado apetitoso que lhe serviam não teve mão em si, e desatou outra vez a palrar.

— Que bom que está! Sabe a pimenta...

Tem alcaparras... E' fricassé?... E', ou não é?... —

Dê-me azeitonas, Cheguem-me o sal... Queriam mais pão... Ai! Ai! Ai! — berrou, de repente, vomitando a comida e fazendo um chiqueiro horrível.

A mãe, zangada, fê-la levantar e levou-a dali. Rubra, como um tomate, muito sufocada, a Mariasinha murmurou:

— Foi outra môsca!... Já é a terceira que hoje me entra pela bôca! —

— E' bem feito! Enquanto não tiveres juizo, vais ficar aí — disse a mãe, fechando-a, á chave num quarto.

Que dia horrível passou a Mariasinha!

O Tlim-Tlim dos electricos, que passavam na rua, soava assim, aos seus ouvidos:

Ditado bem conhecido
e por tôdos repetido:
— Duma bôca faladeira,
ou entra môsca,
ou sai asneira! —

O «pô-pô-pô» dos automóveis também dizia:

Ditado bem conhecido
e por tôdos repetido:
— Duma bôca faladeira,
ou entra môsca,
ou sai asneira! —

e o mesmo diziam os sapatos das pessoas que andavam no corredor; o «chi-qui-ri-chi», dos pássaros no jardim, o «ú-ú-ú» do vento nas árvores, o «cuá-cuá» dos patos no lago, o «cô-cô-rô-cô» dos galos na capoeira, o «béu-béu» do cão na sua casota e o «miáu-miáu» do gato que lhe vinha arranhar á porta.

Tudo, tudo repetia:

Continua na página 7

ENIGMA PITORESCO MILAGRE DE NATAL

(Conclusão do numero anterior)



Vêr solução no próximo número

Noite alta, Nélinha sentiu chamá-la, docemente, e, extasiada, viu diante de si um anjo lindo, muito lindo, como só são lindos os anjos, com grandes caracóis doirados e asas branquinhas, abertas sôbre a sua caminha o qual lhe diz: — «Nosso Senhor que tudo pode, leu a tua cartinha e teve pena de ti: porisso v i mandar-te a tua Mãesinha mas promete-me que terás sempre muito juizo, serás obediente, procurando nunca lhe dar desgostos; conservarás essa linda Fé na tua almasinha pois foi ela que enterneceu Nosso Senhor. Assim terás sempre a sua protecção e serás feliz, Nélinha!»

— Prometo... disse a pequenita e... continuou mergulhada no seu doce sonho.

No dia seguinte, ao despertar, Nélinha sentiu a afagar-lhe o rostosinho — que uma linda visão tornara risonho — umas mãos muito cariciosas e, abrindo os olhos, viu a olhá-la os olhos queridos de sua mãe. Lançando-lhe os braços á volta do pescoço, a pequenita exclamava, deslumbrada: — «Mãesinha, demoraste tanto! Que bom é Nosso Senhor que te deixou vir. Já não te deixo voltar para o Céu sem me levarés!...» E a senhora beijava a criança, chorando convulsivamente, enquanto Joana, atrás da porta, limpava os olhos ao avental.

Era uma irmã gémea da Mãe de Nélinha, parecidíssima com ela, que enuiuvara no Brazil e lá ficara vivendo. Chamada tardiamente, tinha demorado a vir porque, sendo lá proprietária, quizera regular os seus negócios para ficar vivendo em Portugal e dedicar-se apenas á sobrinha, tornada sua filha.

Durante muitos anos esteve Nélinha convencida do milagre de Natal e nunca, pela vida fóra, teve razões para duvidar de que fôsse, realmente, uma Mãe que Nosso Senhor lhe mandou naquela fria noite de Natal, em que o vento passava em turbilhão e a sua almasinha estava quente pela chama bendita da esperança.

... ..
Meus meninos: Não foi um milagre de Natal mas foi um milagre de Fé! Nélinha tinha quatro anos e sofria... A sua dôr era a mais dolorosa e pungente que pode avassalar um coração de criança. Mas sua Mãe, á noite, ao deitar, fazia-lhe repetir singelas orações, dirigindo-se ao Pai do céu, ao Nosso Senhor todo Poderoso e na sua almasinha entrou a Fé! E quando sofreu por se ver abandonada, foi a Deus que se dirigiu porque êle tudo podia!

Tende sempre Fé e vereis, quando tiverdes um prazer, que só ela vos servirá de lenitivo e atenuará o vosso sofrer.

CHARADAS EM FRASE

Aquí a minha parente serve-se d'êste instrumento de escrita — 1-2.

Esta mulher com êste instrumento flutuante abre o envidraçado — 2-2.

Ali, para lá d'êste rio português, fica esta linda terra lusitana — 2-2.

A MENINA GRALHA

(Conclusão da pagina 6)

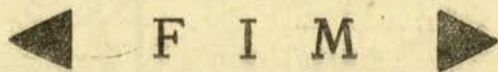
Ditado bem confeçido e por tódos repetido: — Duma bôca faladeira, ou entra môsca, ou saí asneira! —

Com mêdo ás môscas e ao tal ditado que o vosso Anão fez correr, a nossa Mariasinha deixou de ser faladora!

Agora só fala com conta, pêso e medida!

Nada sai da sua bôca, que não seja pausado e assisado, por ser muito pensado e matutado!

Á Mariasinha julgou endoidecer!
O castigo foi medonho mas radical!
Já ninguém se lembra, agora, de a tratar pela sua antiga alcunha, a menina gralha!



CONCURSO EPISTOLAR



Maria Natália Alves Cardoso



Antonia Josete dos Santos Guimarães
PREMIADA



Chiquito Mendes Ribeiro
PREMIADO



Maria Joana Franco Cardoso



Antonio Nogueira da Costa

Por absoluta falta de espaço, só no próximo número publicaremos a lista completa dos restantes classificados com direito á publicação dos seus retratos no nosso suplemento.

O PESCADOR DE ÁGUAS TURVAS



I — No dia 1 de Janeiro, início do novo ano, o pescador Zé Magano vai para a pesca lampeiro.

Contente que nem um rato em rica e lauta despensa, põe-se a dizer o que pensa em voz alta o insensato:

— «A' minha adorada tia, de quem um dia hei-de herdar, rico presente vou dar sem gastar grossa «maquã.» —

II — Os peixes, ouvindo tal, resolvem atar à linha, ramos da Flora marinha, com pérolas e coral.

Sentindo no anzol o peso, Zé Magano puxa a linha e fica-se a olhar, surpreso, aquela flora marinha.

Nisto, ocultando a surpresa, vai dar os ramos à tia, mal calculando a riqueza da oferta que lhe fazia.

III — Mas, ofendida, contudo, por essa lembrança, a tia desherda-o e deixa tudo aos pobres da freguezia.

Leitor amigo, da história além do velho ditado: guardado está o bocado... conservai bem na memória,

gravai, em vosso bestunto, o conceito que se aponta: — «Isto sucede a quem conta com sapatos de defunto.»